

Os efeitos (deletérios) da psicopolítica neoliberal na paisagem mental da pandemia viral: da privatização ao desconfinamento do sofrimento psíquico

Silas Carlos Rocha da Silva¹
Universidade Federal Rural de Pernambuco

ROCHA DA SILVA, Silas Carlos. Os efeitos (deletérios) da psicopolítica neoliberal na paisagem mental da pandemia viral: da privatização ao desconfinamento do sofrimento psíquico. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 11 (27): 171-190, setembro a dezembro de 2024. ISSN: 2355-5587

Resumo: Assumindo como ponto de partida o contexto da pandemia viral, o presente artigo se interroga sobre a causa estrutural, política e social por trás da pandemia de adoecimento mental. Recusando-se aceitar a “privatização do estresse” como um fenômeno natural, o objetivo mais amplo deste trabalho consiste em problematizar determinada sintomatologia psíquica, designadamente a Depressão, a Síndrome de Burnout e o TDAH, como efeito da “psicopolítica” neoliberal, visando, por um lado, desnaturalizar e repolitizar tais sintomas, e, por outro lado, criar uma abertura para outra temporalidade que seja capaz de fazer resistência à lógica produtivista imanente à cultura do desempenho imposta pelo neoliberalismo, dando a ver outros mundos possíveis. Através de uma investigação de caráter teórico-bibliográfico, espera-se contribuir com a tarefa permanente de desconfinamento do sofrimento psíquico do lockdown químico-cerebral imposto pelo ethos empresarial.

Palavras-chave: pandemia; sofrimento psíquico; psicopolítica neoliberal; privatização do estresse; desconfinamento psíquico.

¹ Mestre em Psicologia e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

The (deleterious) effects of neoliberal psychopolitics on the mindscape of the viral pandemic: from the privatization to the deconfinement of psychological suffering

Abstract: Taking the context of the viral pandemic as a starting point, this article interrogates the structural, political and social cause behind the mental illness pandemic. Refusing to accept the “privatization of stress” as a natural phenomenon, the broader objective of this work is to problematize certain psychic symptoms, namely Depression, Burnout Syndrome e the ADHD, as na effect of neoliberal “psychopolitics”, aiming, on the one hand, denaturalize and repoliticize such symptoms, and, on the other hand, creating a opening to another temporality capable of resisting the productivist logic imanente in the culture of performance imposed by neoliberalismo, revealing others possible worlds. Through a theoretical-bibliographical investigation, we expect to contribute to the permanent task of deconfinig the psychic suffering caused by the chemical-brain block imposed by the businesse ethos.

Keywords: pandemic; psychological suffering; neoliberal psychopolitics; privatization of stress; psychic deconfinement.

Los efectos (deletéreos) de la psicopolítica neoliberal en el panorama mental de la pandemia viral: de la privatización al desconfinamiento del sufrimiento psicológico

Resumen: Tomando el contexto de la pandemia viral como punto de partida, este artículo interroga la causa estructural, política y social detrás de la pandemia de enfermedades mentales. Negándose a aceptar la “privatización del estrés” como una característica natural, el objetivo más amplio de este trabajo es problematizar ciertos síntomas psíquicos, a saber, la depresión, el síndrome de Burnout y el TDAH, como efecto de la “psicopolítica” neoliberal, con la intención de, por un lado, desnaturalizar y repoliticizar tales síntomas y, por otro lado, crear una apertura a otra temporalidad que sea capaz de resistir la lógica productivista inmanente a la cultura del performance impuesta por el neoliberalismo, revelando otros mundos posibles. A través de una investigación teórico-bibliográfica, esperamos contribuir a la tarea permanente de desconfinar el sufrimiento psíquico provocado por el bloqueo químico-cerebro impuesto por el ethos empresarial.

Palabras clave: pandemia; sufrimiento psicológico; psicopolítica neoliberal; privatización del estrés; desconfinamiento psíquico.

Limiar...

O ano de 2020 é o ponto de virada.
(Franco “Bifo” Berardi (2024: 36)

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considerou o novo coronavírus como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. No dia 11 de março do mesmo ano, o diretor geral da OMS anunciou que a Covid-19 caracterizava-se como uma pandemia. Desde então, atravessamos um “limiar histórico”. No início daquele ano e ao longo dele, em maior ou menor grau, todas as conversas giravam em torno do novo coronavírus, chamado de SARS-CoV-2. Na esfera midiática não se falava em outra coisa. O coronavírus tornou-se “o rei incontestável da mídia”, infectando, assim, não somente o nível fisiológico, mas, ainda, a “infosfera” – saturando os meios de comunicação com notícias de *lockdown*, hospitalizações, número crescente de casos e taxa de mortalidade que não parava de subir - instilando angústia, medo e ansiedade. Após ter infectado a infosfera, paulatinamente o “infovírus” penetrou a “psicoesfera”², tornando-se um “psicovírus” que intensificou ainda mais a crise global de saúde mental (BERARDI, 2024).

Vale ressaltar, como reconhece Franco “Bifo” Berardi (2024), que antes mesmo da proliferação deste “bio-info-psico-vírus”, a sociedade já estava à beira de um colapso não apenas financeiro, mas, ainda, ambiental e também psíquico. Entretanto, no contexto da pandemia viral, a disseminação do sofrimento (mental, sobretudo) se agravou, atingindo níveis insuportáveis. “Desde o começo do surto e do *lockdown* que se seguiu, inúmeros psicólogos ao redor do mundo observaram um aumento das crises de pânico, depressão e suicídio” (BERARDI, 2024: 74). Parece que com a era pandêmica, “a ‘praga invisível’ de desordens psiquiátricas e afetivas que tem se alastrado, silenciosa e furtivamente, desde mais ou menos 1750 (ou seja, o início do capitalismo industrial), encontrou um novo ponto de agudização” (FISHER, 2020a: 64).

No dia 05 de maio de 2023, considerando a tendência continuada de queda das taxas de mortalidade por COVID-19, bem como a evolução da imunização da população ao SARS-CoV-2, que contribuiu, dentre outros fatores, para o declínio das internações e hospitalizações, a OMS anunciou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente ao novo coronavírus. Ainda que a vacinação tenha dirimido ou pelo menos reduzido a letalidade e os efeitos catastróficos do ciclo viral no nível neurobiológico, colocando um fim à pandemia viral, no nível mental, há, ainda hoje, uma outra pandemia em curso, invisível, inquantificável e incomensurável: a pandemia do sofrimento psíquico.

² Bifo propõe o conceito de *psicosfera* a fim de enfatizar a influência que o espaço onde circulam as informações (a *infosfera*), exerce tanto sobre o inconsciente como sobre a atividade cognitiva em geral.

A vacinação pode ter colocado um fim ao isolamento social, mas do ponto de vista da paisagem psíquica, continuamos em *lockdown*, confinados em nossas experiências de sofrimento mental, “cada qual sofrendo silenciosamente em seu corpo, em seu cubículo profissional, em seu lar, abraçando sua parcela de mal-estar e estresse como experiências de sofrimento privadas, postas como estritamente de cada um[a]” (MARQUES e GONSALVES, 2020: 186-187).

Ancorado no desejo de contribuir com a tarefa permanente de desconfinamento do sofrimento mental deste *lockdown* químico-cerebral imposto pela “ontologia empresarial”³ (FISHER, 2020a), este trabalho pretende pensar sobre os efeitos psíquicos da pandemia viral, conectando-os àquilo que parece ser a sua verdadeira “causa social sistêmica” e estrutural: o capitalismo em sua forma neoliberal.

Na mesma linha de Mark Fisher (2020a), defendemos que é preciso reformular ou deslocar para um outro horizonte de sentido o problema crescente do adoecimento psíquico nas sociedades ocidentais. “Em vez de atribuir aos indivíduos a responsabilidade de lidar com seus problemas psicológicos, aceitando a ampla *privatização do estresse*” que aconteceu nas últimas décadas (FISHER, 2020a: 37), precisaríamos nos perguntar: quando se tornou admissível que um número tão grande de pessoas, e especialmente um número considerável de adolescentes e jovens esteja adoecendo e colapsando do ponto de vista psíquico? Por que aceitamos como um simples fato natural a pandemia de ansiedade e depressão, sobretudo entre os jovens? Quando se tornou tolerável que uma quantidade tão grande de adolescentes e jovens esteja se suicidando, como decorrência, dentre outros fatores, do crescimento da prevalência de adoecimentos mentais e das desigualdades sociais⁴?

Segundo Mark Fisher, a pandemia de adoecimento mental em nossas sociedades “deveria sugerir que, ao invés de ser o único sistema que funciona, o capitalismo [neoliberal] é inherentemente disfuncional, e o custo para que ele pareça funcionar é demasiado alto” (FISHER, 2020a: 37).

Longe de considerar que a pandemia de Covid-19 implicou um problema tão somente médico-sanitário e econômico, ao tomarmos como ponto de observação a pandemia viral, partimos da consideração de que, ao agravar e intensificar o colapso psíquico que já estava em curso em nossa paisagem social, esse “bio-info-psíquico-vírus”, uma vez coroado, maximizou “os mecanismos de poder que estão ‘para além da biopolítica’” (MATOS e GARCÍA COLLADO, 2020: 7).

Como pretendemos defender, as novas técnicas e dispositivos de controle - que grassam na atualidade e densificadas no complexo cenário da pandemia de Covid-19 - têm se deslocado em direção à psiquê, provocando verdadeiros “infartos psíquicos”. Não casualmente, o presente artigo situa-se no contexto da chamada “Psicopolítica Neoliberal”, na medida em que esse campo de análise nos expõe a uma dimensão crucial de nosso tempo: a produção e a gestão neoliberal do sofrimento psíquico (SAFATLE, SILVA JÚNIOR e DUNKER, 2022, 2018).

Por esta via, o objetivo mais amplo deste trabalho consiste em problematizar determinada sintomatologia psíquica, designadamente a Depressão, a Síndrome de *Burnout* e o TDAH, como efeito da “psicopolítica” neoliberal, visando, por um lado, desnaturalizar e repolitizar tais sintomas, e, por outro lado, criar uma aber-

³ Conceito de Mark Fisher (2020: 34) para se referir a generalização do ideal empresarial a todos os aspectos da vida social. Para ele, o neoliberalismo “implantou com sucesso uma ‘ontologia empresarial’, na qual é *simplesmente óbvio* que tudo na sociedade [...] deve ser administrado como uma empresa”.

⁴ Para maiores informações, consultar: <https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/02/estudo-aponta-que-taxas-de-suicidio-e-autolesoes-aumentam-no-brasil>. Acesso em: 22 de Maio de 2024.

tura para outra temporalidade que seja capaz de fazer resistência à lógica produtivista imanente à cultura do desempenho imposta pelo neoliberalismo, dando a ver outros mundos possíveis.

Com base nesta delimitação, e uma vez atravessado este limiar, o texto organizar-se-á a partir de três momentos que se articulam às suas finalidades mais específicas.

No primeiro momento, no tópico intitulado “A psicopolítica neoliberal e o *ethos* empresarial”, pretende-se apresentar uma breve problematização das análises de Byung-Chul Han sobre a psicopolítica neoliberal e os processos de produção e gestão do sofrimento, articulando-as, sobretudo, aos *insights* e sugestões teóricas de Dardot e Laval (2016) e Vladimir Safatle (2022), a fim de compreender tanto o modo de funcionamento como a lógica normativa que subjaz a psicopolítica neoliberal e sua nova ética empresarial.

No segundo momento, no tópico intitulado “Dos efeitos (deletérios) da psicopolítica neoliberal”, a pretensão é apresentar os efeitos patológicos produzidos pelo neoliberalismo e suas psicotecnologias, notadamente o *Burnout*, o TDAH e a Depressão, a fim de desnaturalizar, reposicionar e repolitizar tais sintomas. Aqui, dando um passo a mais nas sugestões teóricas de Byung-Chul Han (2016, 2017, 2018, 2021b), Dardot e Laval (2016) e Franco “Bifo” Berardi (2020), incorporamos, sobretudo no momento da discussão sobre a depressão, as análises de Mark Fisher (2020a, 2020b, 2022), autor que “não se esquivou em expor sua condição pessoal de constante luta e relação contra e com a depressão, utilizando-a em seus argumentos” (GALVÃO, 2023: 99), como pretendemos evidenciar através de alguns fragmentos de sua própria experiência.

No terceiro momento, intitulado “Em busca de outro tempo: para (não) concluir”, pretende-se introduzir, no âmbito desta discussão, uma problematização do tempo, articulando-a aos efeitos patológicos produzidos pela psicopolítica neoliberal, visando criar uma abertura para outra temporalidade que seja capaz de abrir outros mundos e fazer resistência à lógica produtivista imanente à cultura do desempenho e da otimização imposta pela nova ética neoliberal.

De forma mais precisa, trata-se de mostrar, na esteira de Byung-Chul Han e Mark Fisher, que os efeitos patológicos produzidos pela psicopolítica neoliberal configuram, antes, uma “doença temporal” (HAN, 2021a) ou uma espécie de “patologia temporal” (FISHER, 2022). De modo que a tarefa a que nos propomos realizar neste trabalho pressuporia, primeiramente, uma espécie de “revolução temporal” (2021a) capaz não apenas de reposicionar e repolitizar o tempo e consequentemente determinada sintomatologia, mas, ainda, retirar do esquecimento certos usos do tempo e certas temporalidades que não estejam baseadas na separação entre vida e morte ou entre vivos e mortos, mas um tempo que seja capaz de restituir a morte à vida, não permitindo que certos mundos e certos outros caiam no esquecimento. Aqui, serão importantes as contribuições de Derrida (1994) e Vinciane Despret (2021, 2023).

A psicopolítica neoliberal e o ethos empresarial

*Economics are the method;
the object is to change the heart and soul⁵*
(Margaret Thatcher)

A partir do diagnóstico fornecido pelo filósofo sul coreano Byung-Chul Han, as primeiras décadas do século XXI podem ser caracterizadas pela disseminação sistêmica de uma espécie de *violência neuronal* (HAN, 2017) que se expressa em uma complexa sintomatologia (ansiedade e depressão, síndrome de Burnout, transtorno de déficit de atenção com hiperatividade) que sobredetermina a forma como, nas sociedades contemporâneas, os corpos (individuais e coletivos) se tornam um vetor de sofrimento social.

A argumentação de Byung-Chul Han, contudo, vai além de uma análise das patologias do nosso tempo. A despeito da expressão "violência neuronal", o modo como o autor explica as variadas manifestações patológicas desse tipo de violência, passa ao largo de aspectos puramente neurofisiológicos. Isso porque, para o autor do ensaio seminal *Sociedade do Cansaço*, "doenças neuronais" como depressão, síndrome de Burnout e TDAH não podem ser apreendidas fora das relações estabelecidas entre a arte de governo do regime neoliberal, os dispositivos de controle que lhes são correlatos e os modos de produção típico do capitalismo financeiro contemporâneo (BENEVIDES, 2017; CORBANEZI, 2018).

Assim, em sua obra *Psicopolítica - O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, o filósofo coreano distende as análises foucaultianas em torno do biopoder para apresentar o argumento de que estamos vivenciando a emergência de uma inusitada *psicopolítica*, apreendida enquanto mecanismo de controle próprio da arte de governo neoliberal. Compartilhando as reflexões sistematizadas por Gilles Deleuze no ensaio *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*, Byung-Chul Han (2018: 39) afirma que a biopolítica, por estar associada estritamente ao *bíos*, não seria mais tão central e adequada para descrever a peculiaridade das principais formas atuais de dominação emergentes com o neoliberalismo. Se na leitura foucaultiana, o corpo biológico das populações era o que a biopolítica buscava (como ainda procura) capturar, na perspectiva de Han, na era neuronal das psicotecnologias neoliberais, focaliza-se sobretudo os processos psíquicos e mentais. "Hoje, explora-se a psique. Por isso, esta nova era é acompanhada de doenças mentais, como a depressão ou o *burnout*" (HAN, 2018: 46).

O deslocamento das formas de controle que tem a ver com o neoliberalismo em direção à psique e, consequentemente, à psicopolítica, relaciona-se ainda ao modo de produção do capitalismo atual. O capitalismo financeiro contemporâneo é determinado por um tipo de produção predominantemente imaterial e intangível, como informações e programas. Na leitura de Benevides (2017: 04) haveria "uma especificidade nesse modo de imaterialidade que teria a ver com certo uso da 'psique'". Isso está relacionado à velocidade própria dos processos atuais de reprodução ampliada do campo, que faz da emocionalidade, entendida enquanto processo subjetivo e psicológico, uma dimensão intrínseca do agenciamento, simultaneamente, psíquico e social da *forma-empresa* "que acompanha *vis-a-vis* os processos de produção e circulação do lucro no capitalismo contemporâneo" (BENEVIDES, 2017: 4). Agora, uma vez que a matéria *Bíos*, enquanto força pro-

⁵ "A economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma". Disponível em: <https://www.margaretthatcher.org/document/104475>. Acesso em: 25 de Maio de 2024

ditiva, não é mais tão central como foi para os dispositivos biopolíticos de controle, ao invés de tão somente disciplinar os corpos, “processos psíquicos e mentais são *otimizados* para o aumento da produtividade” (HAN, 2018: 40).

Dessa ótica, as novas artes de governo neoliberal, em uma associação direta com “o novo espírito do capitalismo” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009), lançam mão de um conjunto ampliado de técnicas que passam a investir no rendimento subjetivo dos indivíduos, a fim de “torná-los mais inteligentes, sábios, felizes, virtuosos, saudáveis”, enfim, fazê-los “empreendedores, satisfeitos, cheios de autoestima” (ROSE, 2011: 25).

De acordo com Han (2018), essa dinâmica expressa o poder *soft* do regime neoliberal que, uma vez plasmando-se à psique e penetrando de forma inteligente e sutil nas suas camadas mais profundas - desejos, vontades, sonhos e anseios -, explora a dimensão maquinária ou energética da subjetividade humana, a fim de absorvê-la no próprio processo de reprodução impulsionado pela “nova razão do mundo” (DARDOT e LAVAL, 2016). O capitalismo neoliberal “visa a eliminação de toda ‘rigidez’, inclusive psíquica, em nome da adaptação às situações mais variadas com o que o indivíduo depara no trabalho e na vida” (LAVAL, 2019: 39).

A despeito de certas diferenças teóricas presentes nas matrizes conceituais mobilizadas pelos autores supracitados (DARDOT e LAVAL, 2016; HAN, 2018; LAVAL, 2019), não podemos desconsiderar o argumento de que o neoliberalismo ampliou os modos “como a subjetividade é, concomitantemente, produzida e preparada para servir como máquina-competência à sua arte de governar” (CARVALHO, 2020: 942). Há que salientar, pois, a maneira através da qual disposições subjetivas/psicológicas são otimizadas e exploradas em função de uma dada racionalidade econômica. A formulação mais precisa desse tipo de racionalidade pode ser sintetizada pela famosa frase de Margaret Thatcher, já mencionada na epígrafe que abre este tópico: “A economia é o método; o objetivo é mudar o coração e a alma”. E essa transformação do espírito precisaria ser feita por meio de doses maciças de intervenção sobre os modos de subjetivação-sujeição. Foi preciso, pois, remodelar a subjetividade, reeducar a mente, produzir um novo sujeito. E encharcar ou saturar a infra-estrutura psíquica dos corpos individuais e coletivos de “ontologia empresarial” (FISHER, 2020; MARQUES e GONSALVES, 2020) constituiu o ingrediente principal dessa “revolução das mentalidades” (DARDOT e LAVAL, 2016: 317) perpetrada pela psicopolítica neoliberal.

Nesse cenário, “a empresa é promovida a modelo de subjetivação”. Como consequência, os processos de subjetivação-sujeição passam a ser moldados pelo ideal do *homo oeconomicus* em sua versão neoliberal: o “empresário de si”. Agora, “cada indivíduo é uma empresa que deve se gerir e um capital que deve se fazer frutificar” (DARDOT e LAVAL, 2016: 378). É por esta via que a psicopolítica neoliberal produzirá um novo sujeito e, com ele, um novo modo de ser que nos levará não apenas a viver de outra forma, mas, também, a sofrer de outra maneira.

No contexto da psicopolítica neoliberal, o ideal empresarial coloca-se então como uma espécie de *ethos*, quero dizer, como um novo imperativo moral e como uma nova forma de vida, a partir da qual determinamos “a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos” (DARDOT e LAVAL, 2016: 16). Esse *ethos* empresarial, por assim dizer, estabelece certa “norma de vida”.

Essa norma impõe a cada um de nós que vivemos num universo de competição generalizada, intimida os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar

as desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa. (DARDOT e LAVAL, 2016: 16)

Vale mencionar, aqui, como, uma vez impregnado pelo ideal empresarial, o neossujeito, obrigado a conceber-se como “empresa de si mesmo”, vai engendrar, ainda, formas hegemônicas de violência no interior das relações que estabelece consigo mesmo e com os outros. Porque a forma-empresa não é tão somente a expressão de uma dada racionalidade econômica. Ela é a descrição de uma forma de violência, como argumenta Vladimir Safatle (2022: 32). Pois, comportar-se e conceber-se a si mesmo na forma de uma empresa de si implica, necessariamente, comportar-se em relação aos outros segundo as normas da concorrência generalizada (DARDOT e LAVAL, 2016: 400-401). Nesse sentido, “a competição empresarial não é um jogo de críquete, mas um processo de relação fundado na ausência de solidariedade” (SAFATLE, 2022: 32), assim como, dentre outras coisas, na precarização e exploração da vida psíquica, na medida em que a psiquê foi elencada como a senha para o total engajamento do empresário de si na corrida ao bom desempenho e sucesso tão cobiçados pela nova ética empresarial (DARDOT e LAVAL, 2016).

O que muitos não tinham notado, contudo, é que esta nova ética se transformou também em “fundamento para uma nova definição de normalidade psicológica. Nesse sentido, tudo que fosse contrário em relação a tal ordem só poderia ser a expressão de alguma forma de patologia” (SAFATLE, 2022: 32). Em outros termos, a psicopolítica neoliberal, ao definir um novo *ethos* a partir do qual certas “formas de conduta” foram normalizadas, produziu não apenas um novo sujeito, o empresário de si, mas, junto com ele, desenvolveu novas patologias psíquicas.

Dos efeitos (deletérios) da psicopolítica neoliberal

No era depresión, era capitalismo.

(Pichação feita no Chile, por ocasião das manifestações de 2019)

Como pretendemos evidenciar, as psicotecnologias neoliberais de captura das forças psíquicas têm produzido efeitos deletérios aos quais praticamente ninguém sai imune. Dentre os inúmeros efeitos resultantes dessa remodelagem dos processos de subjetivação-sujeição que passaram a ser constituídos a partir do ideal empresarial, destacamos, primeiramente, um permanente estado de cansaço e esgotamento (HAN, 2017), dada a necessidade autoimposta de nos descobrirmos e nos afirmarmos, sempre positivamente, em uma sociedade regida pela cultura do desempenho e da otimização; uma sociedade orientada por um conjunto de metas produtivistas a serem alcançadas em uma escala de progressão que tende ao infinito.

A pandemia de Covid-19 também agudizou e intensificou ainda mais esse cansaço e esgotamento desmedidos próprios da sociedade do desempenho. Em função das mudanças no formato das relações de trabalho, no contexto pandêmico, muitas pessoas foram forçadas a aderirem ao modelo do trabalho remoto (*home office*) que nos expôs não apenas ao excesso das telas e reuniões virtuais, como também ao imperativo (interno e externo) de ter que render sempre mais e mais, mesmo diante da taxa de mortalidade provocada pela pandemia viral que, naquele período, apresentava um crescimento exponencial. Como consequência, fomos expostos, também, ao “vírus do cansaço” que nos esgotou ainda mais do que o trabalho presencial.

No ensaio *Sociedade do Cansaço*, Byung-Chul Han (2017) afirma que sintomas como fadiga e esgotamento são efeitos patológicos próprios da cultura do rendimento imposta pela sociedade neoliberal. De acordo com o filósofo sul-coreano, “hoje, acreditamos que não somos sujeitos submissos, mas projetos livres” (HAN, 2018: 9), livres de uma figura de domínio exterior que nos submeta a coerções ou explorações. Na sociedade atual do desempenho, cada indivíduo passa a conceber-se e comportar-se como “empreendedor de si mesmo”, de tal modo que possa se ver livre das ordens e obrigações impostas por um outro. Essa suposta liberdade, entretanto, não suprime totalmente a figura de coação, antes, através de psicotecnologias mais eficientes de subjetivação-sujeição, faz com que o novo sujeito interiorize novas coerções visando o incremento da produtividade e o máximo desempenho. Assim, “essa liberdade que deveria ser o contrário da coação também produz ela mesma coerções”. De modo que, “doenças psíquicas, como depressão ou *burnout* são expressões de uma profunda crise de liberdade: são sintomas patológicos de que hoje ela se transforma muitas vezes em coerção” (HAN, 2018: 10).

O sujeito neoliberal de desempenho como “empresário de si mesmo” explora-se voluntária e apaixonadamente. Fazer de si uma obra de arte é uma aparência bela e enganosa que o regime neoliberal mantém para explorá-lo por inteiro. A técnica de poder do regime neoliberal assume uma forma sutil. Não se apodera do indivíduo de forma direta. Em vez disso, garante que o indivíduo, por si só, aja sobre si mesmo de forma que reproduza o contexto de dominação dentro de si e o intérprete como liberdade. (HAN, 2018: 43-4)

Com o propósito de acelerar o processo de produção, o capitalismo em sua forma neoliberal, altera o registro de exploração imposto pelo outro, de modo que o novo sujeito explore a si mesmo de forma livre e voluntária, unificando liberdade e coerção. Segundo Han, “a atual crise da liberdade consiste em estar diante de uma técnica de poder que não rejeita ou oprime a liberdade, mas a explora” (2018: 27). Pois, é a exploração da liberdade que torna o processo de produção mais rentável. “Explorar alguém contra sua própria vontade não é eficiente, na medida em que torna o rendimento muito baixo” (HAN, 2018: 11-12). Na contramão dessa figura de coação externa, a sociedade do desempenho entende que “a partir de um certo nível de produção, a autoexploração é essencialmente mais eficiente [...] visto que caminha de mãos dadas com o sentimento da liberdade” (HAN, 2017: 101). Agora, “a liberdade tornou-se uma obrigação de desempenho” (DARDOT e LAVAL, 2016: 360).

A coerção para o desempenho, localizada agora internamente, na própria psicologia do empreendedor, obriga-o a produzir cada vez mais. “E visto que, em última instância está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama de *burnout* (esgotamento)” (HAN, 2017:86). É por este motivo que para Byung-Chul Han (2017) o cansaço e o esgotamento que nos acompanham a todo momento como uma espécie de sombra são efeitos patológicos do excesso de desempenho, consequências da autoexploração do sujeito neoliberal que por concorrer, sobretudo, consigo próprio, sente-se, ainda, obrigado a superar-se constantemente a si mesmo até consumir-se por inteiro, provocando um infarto psíquico. O *burnout*, portanto, é uma consequência da concorrência generalizada pela psicopolítica neoliberal. Efeito patológico da autoexploração (HAN, 2017).

Com efeito, o que está em jogo na atual configuração social e história “é a sobreposição da gestão da vida ao próprio viver; a fusão entre o trabalho de viver

e o ato viver; a identificação, por fim, entre trabalhar, trabalhar-se e ser" (BENEVIDES, 2017: 5).

Por isso, não casualmente, argumenta Han (2021b: 131), "hoje, o tempo de trabalho se totalizou como o tempo por excelência". Trata-se do tempo que pode ser acelerado indefinidamente em sua homogeneidade repetitiva. A cultura do desempenho e da otimização, baseada na positivação dos estados mentais, faz do próprio tempo existencial um refém. Assim, deixa de ser possível habitar "um tempo que não seja trabalho" (HAN, 2016: 115), tendo em vista que todos, independentemente de seu posicionamento na estrutura social, devem se transformar em empreendedores de si mesmos que exploram a si próprios para sua própria empresa. O crescente empresariamento do eu e da subjetividade termina, assim, por engendrar um "delírio de morte", simulando uma vitalidade que oculta a aproximação crescente de catástrofes mortíferas (HAN, 2021b).

Agora, o indivíduo, ele mesmo, converte-se em uma máquina de desempenho que não conhece mais tempos intervalares, isto é, tempos livres ou liberados dos processos de produção-acumulação-expropriação. Mais que uma *vida laborans*, nos termos arendtianos, na atualidade a forma de vida dominante é a *vida hiperativa*, uma forma excessiva da *vita activa* que, historicamente, havia fornecido o sentido do *ethos* político clássico (HAN, 2016). E como "tudo tem de ser trabalho" (HAN, 2016: 137) a própria vida (subjetiva, sobretudo) é colocada para trabalhar - o que vai nos conduzir a um permanente estado de fadiga. O imperativo do trabalho produz uma Sociedade do Cansaço. Não há quem não esteja cansado. E, ainda assim, não há quem deixe de trabalhar(-se).

Esse excesso de desempenho, em confluência com a absolutização do tempo de trabalho, constitutivo para a economia capitalista neoliberal, não apenas produz uma "sociedade do cansaço" que nos leva ao esgotamento (*burnout*). Byung-Chul Han (2017) destaca um outro efeito de consequências nefastas produzido pela psicopolítica neoliberal nos processos de sociabilidade e de subjetivação: a captura da atenção. Para Han, a crescente sobrecarga de trabalho altera de forma radical a estrutura e a economia da atenção. Ele lembra que a ênfase crescente na chamada *multitarefa* não apenas fragmenta como também destrói as nossas capacidades atencionais. A técnica de atenção *multitasking* produz uma atenção ampla, mas superficial, distraída. Entretanto, "os desempenhos culturais da humanidade, dos quais faz parte também a filosofia, devem-se a uma atenção profunda, contemplativa" (HAN, 2017: 33). Essa atenção profunda e contemplativa, contudo, nas atuais sociedades do desempenho, tem sido cada vez mais eclipsada por uma forma de atenção própria das sociedades hiperativas do trabalho: a hiperatenção. Essa última é uma "atenção dispersa" que muda constantemente de foco entre atividades diversas⁶ (HAN, 2017).

Peça aos estudantes para que leiam mais que umas tantas linhas e muitos – mesmo estudantes com boas notas – irão protestar alegando que *não podem fazê-lo*. A reclamação mais frequente que professores ouvem é a de que é *entediante*. Mas o juízo sequer diz respeito ao conteúdo do que está escrito no material: é o ato da leitura em si que é tido como "entediante". Estamos lidando aqui não apenas com o torpor adolescente de sempre, mas com o desencontro entre uma "New Flesh" pós-literária – que é "conectada demais para se concentrar" – e a lógica de confinamento e concentração dos sistemas disciplinares em decadência. (FISHER, 2020a: 46)

⁶ Considerando que a atenção *multitasking* tem pouca tolerância ao silêncio, também não admite aquele tédio profundo que é vital para todo processo criativo e transformativo (HAN, 2017: 33).

Segundo Mark Fisher (2020a), para além do fato dessa constante “dispersão da atenção” produzir uma espécie de inabilidade em mantermos o foco ou a concentração, é importante estarmos atentos para o fato de que a “atenção dispersa” é, ela mesma, efeito ou “parte integrante do ciberespaço capitalista” (FISHER, 2020a: 158) que opera tanto viciando seus usuários à “matriz de entretenimento”, quanto desviando e roubando nossa atenção, como consequência de termos sido capturados pela “matriz comunicativa de sensação-estímulo das mensagens eletrônicas” do ubíquo *Smartphone* (FISHER, 2020a: 46).

Não casualmente, o número de pessoas, sobretudo crianças e jovens, diagnosticadas com Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) só tem crescido nas últimas décadas. A ascensão social desse “sintoma” contribuiu para proliferar “a prescrição de psicofármacos como a Ritalina para tratamento e cura de uma ‘doença’ em relação à qual nada se sabe” – sendo o Brasil o segundo maior consumidor do metilfenidato (CAPONI e DARÉ, 2020: 315). Na contramão dessa patologização que insiste em localizar as causas dos nossos padecimentos mentais nos desequilíbrios químico-cerebrais visando bloquear “qualquer possibilidade de politização” ou nos fazer esquecer sua verdadeira “causa social sistêmica”, Mark Fisher (2020a) defende que “se algo como um transtorno de déficit de atenção e hiperatividade for uma patologia, então é uma patologia do capitalismo tardio” – o efeito de estarmos conectados “aos circuitos de entretenimento-controle de uma cultura de consumo hipermediada” (FISHER, 2020a: 48).

Na mesma direção, o pensador italiano Franco “Bifo” Berardi (2020) vai argumentar que a esfera de atenção tem sido capturada pelas forças disruptivas do capitalismo financeirizado. Nessa situação, os processos educativos, por exemplo, perdem sua territorialidade ontológica e política, pois o ritmo acelerado provocado pelo turbilhão de fluxos semióticos do ciberespaço obstrui o ritmo próprio do tempo demandado pelas dinâmicas de ensino e aprendizagem, orientadas por uma perspectiva ética e formativa. Assim, “quando as coisas começam a fluir tão rápido que o cérebro humano se torna incapaz de criar sentido a partir da informação, entramos na condição do caos” (BERARDI, 2020: 162)⁷.

Em tempos de modernidade tardia, experimentamos uma poluição crescente do ar, da água e dos alimentos. Mas existe outro tipo de poluição que afeta a respiração psíquica dos organismos individuais e coletivos. Os fluxos semióticos que são espalhados ao longo da infosfera pelos sistemas de mídia estão poluindo a psicosfera e provocando falta de harmonia na respiração das singularidades: medo, ansiedade, pânico e depressão são sintomas desse tipo de poluição. (*idem*: 94-95)

A captura e a mercantilização da atenção são, portanto, um outro efeito deletério produzido pela psicopolítica neoliberal. Salvaguardadas as diferenças teóricas presentes nas matrizes conceituais dos autores supramencionados (HAN, 2017; FISHER, 2020a; BERARDI, 2020) é preciso considerar o fato de que o *ethos* empresarial vem configurando modos de vida que engendram subjetividades e sociabilidades que – uma vez agenciadas pela concorrência generalizada, pelo excesso de desempenho, pela autoexploração e pela multitarefa – têm operado como vetores das mais variadas formas de sofrimento psíquico, desencadeando “efeitos patológicos aos quais ninguém escapa completamente” (DARDOT e LAVAL, 2016: 361).

Dentre esses efeitos ou consequências produzidas pela psicopolítica neoliberal, é preciso destacar, ainda, aquela considerada como “uma verdadeira doença

⁷ Como já mencionado no Limiar que abriu este trabalho, Bifo propõe então o conceito de *psicosfera* com o propósito de enfatizar a influência que o espaço onde circulam as informações (a *infosfera*), exerce tanto sobre o inconsciente como sobre a atividade cognitiva em geral.

de ‘*fin-de-siècle*’” (DARDOT e LAVAL, 2016: 366): a depressão. Segundo Byung-Chul Han (2017) a depressão, que também se agravou no contexto da pandemia viral, é, com efeito, a pandemia do tempo presente. É impossível ignorá-la. Como sintoma próprio da “sociedade do cansaço”, para o filósofo sul-coreano, sua causa estaria na “pressão de desempenho”. Para ele, a origem da depressão não estaria tão somente no “excesso de responsabilidade e iniciativa”, mas, sobretudo, no “imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho” (HAN, 2017: 27). E “a inteligência peculiar do regime neoliberal” estaria justamente em introjetar no interior ou na própria psicologia do empreendedor explorador de si mesmo essa obrigação de desempenho e otimização. De modo que se você fracassar, há apenas uma pessoa para responsabilizar: você mesmo – que não (se) trabalhou o suficiente para alcançar o sucesso ou a vitória, pois está ao alcance de todo e qualquer indivíduo a realização pessoal. “Basta querer”. Assim, argumenta Han, “quem fracassa na sociedade neoliberal do desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável” e se culpa por isso. “No regime de exploração imposta por outros, ao contrário, é possível que os explorados se solidarizem e juntos se ergam contra o explorador”. Já no regime neoliberal de autocoação e autoexploração, conclui o filósofo sul-coreano, “a agressão é dirigida contra nós mesmos. Ela não transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos” (HAN, 2018: 16).

O sintoma depressivo já faz parte da normatividade como elemento negativo desta última - o sujeito que não aguenta a concorrência pela qual pode entrar em contato com os outros é um ser fraco, dependente, que se suspeita não estar “à altura do desafio”. O discurso da “realização de si mesmo” e do “sucesso de vida” leva a uma estigmatização dos “fracassados”, dos “perdidos” e dos infelizes, isto é, dos incapazes de aquiescer à norma social de felicidade. O “fracasso social” é visto, em última instância, como uma patologia. (DARDOT e LAVAL, 2016: 366-7)

Segundo Dardot e Laval (2016: 366), “a depressão é, na verdade, o outro lado do desempenho, uma resposta do sujeito à injunção de se realizar e ser responsável por si mesmo, de se superar cada vez mais na aventura empresarial”. Não casualmente, os autores denominam esse sintoma, próprio da “nova razão do mundo”, de “doença da responsabilidade” (DARDOT e LAVAL, 2016).

Mark Fisher (2020a; 2020b), nesta mesma direção, vai sugerir que grande parte do sucesso do que estamos chamando aqui de psicopolítica deve-se a esta estratégia, por sinal, bem-sucedida do projeto neoliberal de responsabilização individual que se converte muito facilmente em depressão.

Já há algum tempo, uma das táticas mais bem-sucedidas da classe dominante tem sido a da “responsabilização”. Cada membro individual da classe subordinada é encorajado a sentir que sua pobreza, falta de oportunidades, ou desemprego é culpa sua e somente sua. Os indivíduos culparão a si mesmos antes de culparem as estruturas sociais; estruturas que, em todo caso, foram induzidos a acreditar que de fato não existem (são apenas desculpas, invocadas pelos fracos). O que Smail chama de “voluntarismo mágico” – a crença de que está dentro do poder de cada indivíduo se tornar o que quer que seja – é a ideologia dominante e a religião não oficial da sociedade capitalista contemporânea, empurrada goela abaixo tanto pelos “experts” da TV e gurus de negócios quanto pelos políticos. O voluntarismo mágico é ao mesmo tempo um efeito e uma causa do nível historicamente baixo da consciência de classe. É o outro lado da depressão – cuja convicção subjacente é a de que somos todos exclusivamente responsáveis pela nossa própria miséria e, portanto, a merecemos. (FISHER, 2020a: 140)

Assim, o projeto neoliberal – que se fortaleceu justamente no mesmo momento que o movimento anti-psiquiatria se enfraquecia - individualizou e atomizou a depressão. De modo que para Mark Fisher, a pandemia de depressão, com

efeito, é uma consequência “da tendência, bem-sucedida, do neoliberalismo em privatizar o estresse” (FISHER, 2020a: 157). A tática da responsabilização ou o discurso individualista dominante – que tenta nos convencer de que o sintoma depressivo é um “fato natural”, um problema ou uma “falha de vontade individual” – é puro suco do que o terapeuta David Smail chamou de “voluntarismo mágico”, mobilizado para nos fazer esquecer da verdadeira “causa social sistêmica” que está por trás da pandemia de sofrimento mental: o capitalismo neoliberal (FISHER, 2020a).

Essa é uma das histórias narradas pelo falecido professor, escritor, filósofo e crítico cultural inglês em seu livro “Realismo Capitalista”. Nesta obra, comenta o próprio Mark Fisher, “Trato da associação entre pós-política, pós-ideologia, a ascensão do neoliberalismo e a ascensão conjunta da depressão, particularmente entre os jovens. Chamo esse processo de “privatização do estresse” (FISHER, 2020a:153). Segundo Fisher, esse processo de “privatização do estresse” tem se mostrado, de fato, uma estratégia perfeita de captura da vida psíquica mobilizada pelo capitalismo neoliberal e que só traz vantagens para o próprio sistema. Pois, ao mesmo tempo que o neoliberalismo produz os mais diversos efeitos patológicos, atribuindo aos indivíduos a responsabilidade por esses problemas, localizando a sua causa num desequilíbrio químico-cerebral (“se você não está bem, é por conta das reações químicas do seu cérebro”), as indústrias farmacêuticas lucraram enormemente com a venda de seus produtos que pretendem melhorar o funcionamento do nosso cérebro “(podemos te curar com nossos inibidores seletivos de recaptação de serotonina)”⁸ (FISHER, 2020a: 67). Assim, ao mesmo tempo que a depressão é atomizada, privatizada e individualizada, a sua origem estrutural, política e social nem sequer é interrogada. Torna-se evidente, portanto, como a privatização, o confinamento, a responsabilização, a individualização, a “bio-quimicalização” das patologias mentais “é estritamente proporcional à sua despolitização” (FISHER, 2020a: 66).

Essa, contudo, não é a única história narrada em Realismo Capitalista. Vizando justamente “reverter a privatização do estresse” e repolitizar o sofrimento psíquico, desconfinando-o do *lockdown* bio-químico-cerebral, o professor Mark Fisher (2020a: 137) “em apoio à tese de que muitas formas de depressão são melhor compreendidas – e combatidas – por meio de quadros analíticos impessoais e políticos, e não individuais e ‘psicológicos’”, expõe sua experiência pessoal com a depressão, esse “lado obscuro da cultura empresarial” (FISHER, 2020b: 356). Fazemos questão de relatar alguns fragmentos.

Sofro intermitentemente de depressão desde a adolescência. Alguns desses episódios foram profundamente debilitantes – resultando em automutilação, isolamento (quando passava meses confinado em meu próprio quarto, aventurando-me a sair apenas para procurar emprego ou para comprar as quantidades mínimas de comida que consumia), e visitas frequentes a enfermarias psiquiátricas. Não diria que me recuperei inteiramente dessa condição, mas tenho satisfação de dizer que tanto a incidência quanto a gravidade dos episódios depressivos diminuíram muito nos últimos anos. Em parte, isso é consequência de mudanças na minha situação de vida, mas também tem a ver com uma distinta compreensão a que cheguei sobre minha depressão e suas causas.

(...) Escrever sobre sua própria depressão é difícil. Faz parte da depressão uma voz “interior” desdenhosa que nos acusa de autoindulgência – “você não está deprimido”, “você está apenas sentindo pena de si mesmo”, “dê um jeito nisso” –, passível de ser disparada ao tornarmos pública a condição. É claro que não se trata bem de uma voz

“interior”, e sim da expressão internalizada de forças sociais reais, algumas das quais têm um interesse oculto em negar qualquer conexão entre depressão e política.

No meu caso, a depressão sempre esteve conectada à convicção de que eu literalmente não prestava para nada. Passei a maior parte de minha vida, até os trinta anos, acreditando que nunca conseguia ter uma profissão (...) Quando finalmente consegui um emprego como professor em um instituto de Educação Complementar, fiquei exultante por um tempo – embora esta alegria, por sua própria natureza, mostrasse que eu ainda não havia me livrado do sentimento de inutilidade, o que logo desencadearia novos episódios depressivos. Como professor, faltava-me a confiança serena de quem nasceu para o papel. Em algum nível não muito profundo, eu evidentemente ainda não acreditava que fosse o tipo de pessoa que poderia fazer um trabalho como aquele.

Mas de onde vinha essa crença? A escola dominante de pensamento em psiquiatria localiza as origens de tais ‘crenças’ no mau funcionamento da química cerebral, que deve ser corrigido por produtos farmacêuticos; a psicanálise e demais formas de terapia por ela influenciadas são famosas por procurar as raízes da angústia mental no contexto familiar, enquanto a Terapia Cognitiva-Comportamental está menos interessada em localizar a fonte de crenças negativas do que em simplesmente substituí-las por um conjunto de alternativas positivas. Não é que esses modelos sejam inteiramente falsos, é que eles deixam escapar – e necessariamente têm que deixar escapar – a causa mais provável de tais sentimentos de inferioridade: o poder social. A forma de poder social que mais teve efeito sobre mim foi o poder de classe, embora, naturalmente, o gênero, a raça e outras formas de opressão funcionem produzindo o mesmo sentimento de inferioridade ontológica, melhor expressado justamente no pensamento que articulei acima: que você não é o tipo de pessoa capaz de desempenhar papéis destinados ao grupo dominante (...)

(...) Há algum tempo, temos cada vez mais nos resignado à ideia de que não somos o tipo de pessoa que pode agir. Esta não é uma falha de vontade individual, da mesma forma que uma pessoa deprimida não pode simplesmente sair da depressão em um “estalar de dedos” ao “arregalar as mangas”. A reconstrução da consciência de classe é, de fato, uma tarefa formidável, que não será alcançada com soluções prontas e fáceis. Mas, ao contrário do que nossa depressão coletiva nos diz, é uma tarefa que pode ser realizada: inventando novas formas de envolvimento político, revitalizando instituições que se tornaram decadentes, convertendo o descontentamento privatizado em raiva politizada. Tudo isso pode acontecer, e, quando acontecer, quem sabe o que será possível? (FISHER, 2020a: 137-141)

No dia 13 de janeiro de 2017, aos 48 anos, o professor Fisher deixou “nossa mundo para se tornar, ele mesmo, um espectro” (GONZO, 2022: 14). E o espectro, como ele mesmo diz em *Fantasmas da minha Vida*, “não permitirá que nos acomodemos pelas satisfações mediocres que podemos colher em um mundo governado pelo realismo capitalista” (FISHER, 2022: 42). É preciso, pois, “não desistir do fantasma”. É preciso se recusar a desistir deste fantasma que se recusa a desistir de nós (FISHER, 2022). Sendo assim, é preciso, ainda, “estar-com os espectros” (DERRIDA, 1994: 11). É necessário, ainda, aprender-com o espectro do professor Mark Fisher, para que “seu pensamento assombre como um pesadelo o cérebro dos burocratas do capital que insistem em vampirizar a nossa frágil vida” (GONZO, 2022: 14).

Em busca de outro tempo: para (não) concluir...

The time is out of joint
(Hamlet)

Com o intuito de problematizar determinada sintomatologia psíquica, designadamente a Depressão, a Síndrome de *Burnout* e o TDAH, como efeito da “psicopolítica” neoliberal, ao longo deste trabalho e até este momento, procuramos evidenciar como os modos de produção do capitalismo contemporâneo estão baseados numa combinação mortífera entre excesso de desempenho e excesso de trabalho. Tentamos mostrar, ainda, como, ao amarrar o tempo ao imperativo do

trabalho, a atual sociedade do desempenho produziu os mais diversos efeitos patológicos como *Burnout*, TDAH e depressão. Através das contribuições de autores como Dardot e Laval, Franco “Bifo” Berardi, Mark Fisher e, sobretudo, Byung Chul Han, percebemos que essas patologias, antes de configurarem um problema decorrente de um desequilíbrio bio-químico-cerebral e, portanto, individual, são, na verdade, consequências da psicopolítica neoliberal e das suas correlatas psicotecnologias de captura da vida psíquica que não apenas produzem novas patologias mentais como, ainda, as gerencia.

É importante destacar, contudo, um último efeito de consequências nefastas produzidas por esta aliança entre o excesso de desempenho e a totalização do tempo do trabalho, de modo a, como pretendido no início do texto, introduzir nesta discussão, mesmo que de forma breve, uma problematização do tempo, articulando-a aos efeitos patológicos produzidos pela psicopolítica neoliberal, visando criar uma abertura para outra temporalidade que seja capaz de abrir outros mundos e fazer resistência à lógica produtivista imanente à cultura do desempenho e da otimização imposta pela nova ética neoliberal.

Já sabemos que na atual sociedade do desempenho “o dispositivo do trabalho tudo abarca”, fazendo do próprio tempo um refém (HAN, 2016: 117). O resultado menos percebido (e paradoxalmente mais negligenciado pela crítica contemporânea), contudo, é o despojamento de qualquer elemento contemplativo das formas de vida que nos atravessam e constituem. Logo, não é estranho que a hiperatividade anule qualquer capacidade de demora, ou seja, obstrua o acesso a um tempo habitável, um tempo no qual possamos aprender a simplesmente “fechar os olhos” (HAN, 2021a). Consequentemente, afetos como angústia e luto também são enfraquecidos, pois nos expõe a formas temporais que retardam e criam impedimentos ao processo de aceleração da vida.

Como ressalta o psicanalista Christian Dunker (2019: 35), a angústia e o luto apresentam uma temporalidade própria, tendo em vista que “o luto faz resistência estrutural à lógica da produção, à lógica do apressamento”. Trata-se, então, de uma temporalidade própria aos rituais, às cerimônias e ao amor. Todas essas experiências são formas temporais que não obedecem à lógica da eficiência e do produtivismo, uma vez que pressupõem acolher a negatividade, inclusive a negatividade da morte, a negatividade por excelência.

Não por acaso, uma das teses mais contundentes de Byung-Chul Han (2021b: 14) é a de que “o capitalismo está baseado na negação da morte”, sendo esse um dos efeitos mais perversos da atual sociedade do desempenho: separar a vida da morte. Para Han, esse é um dos gestos constitutivos da economia capitalista contemporânea que, ao denegar a morte e os mortos, apresenta consequências sinistras para os processos de individuação e socialização.

Se considerarmos os argumentos precedentes, perceberemos que os efeitos (deletérios) da psicopolítica neoliberal descritos ao longo deste texto, configuram, antes, e com efeito, uma crise do tempo, uma “doença temporal” (HAN, 2021a). De modo que esta tarefa a que nos propomos de repolitizar e reposicionar determinada sintomatologia e, consequentemente, desconfinar o sofrimento psíquico que foi atomizado e individualizado pela psicopolítica neoliberal, pediria, primeiramente, uma espécie de “revolução temporal”, nos termos de Byung-Chul Han (2021a). Segundo o filósofo sul-coreano, hoje, é mais que necessário uma revolução “que gere um outro tempo”, um tempo livre do imperativo do trabalho; “uma revolução temporal que traga de volta para o tempo o seu aroma” (HAN, 2021a: 34).

Obviamente, “nunca foi verdadeiro interesse do capital a liberação, pura e simples, de tempo de trabalho em favor de qualquer outra atividade do trabalhador que não fosse a de sua estrita subsistência” (GALVÃO, 2023: 109). Pois, desde o começo, o projeto neoliberal declarou guerra à toda e qualquer forma alternativa de tempo que não fosse o tempo do trabalho (FISHER, 2020b). Tendo em vista essa espécie de “patologia temporal” (FISHER, 2022), Mark Fisher considera extremamente necessária a politização do próprio tempo, como modo, também, de politizar o sofrimento individualizado pelo capitalismo neoliberal. Pois, “se existir algum tipo de futuro, este dependerá da nossa capacidade de recuperar os usos do tempo que o neoliberalismo enclausurou e deixou cair no esquecimento” (FISHER, 2020b: 370, tradução nossa).

Esse outro tempo, que a psicopolítica neoliberal nos fez esquecer e que a todo momento desfaz por não ser eficiente, para Han (2021a) é o “tempo do outro”, um tempo que não se deixa acelerar. “Um tempo que eu dou ao outro. O tempo do outro como dádiva” (HAN, 2021a: 41). Apenas este tempo, o tempo do outro como dom, é capaz de libertar o “empresário de si” dos efeitos corrosivos produzidos pela sociedade neoliberal do desempenho (HAN, 2021a). Talvez, este tempo do outro a que se refere Byung-Chul Han, seja também o tempo de certos *outros*, aquele “tempo sem presente tutor” ao qual se refere Derrida (1994: 11) em *Especetros de Marx*, o tempo do “aprender a viver”, o tempo do “aprender a viver com os fantasmas”, o tempo do aprender a “estar-com os espectros”. Quem sabe, talvez assim, este “estar-com os espectros” se torne também, “não somente, mas também, uma política da memória” (*idem*). E, na esteira de Derrida (1994: 11), “se me apresto a falar longamente de fantasmas [...] de certos *outros* que não estão [fisicamente] presentes é em nome da justiça”. Pois, afirma o filósofo, “nenhuma ética, nenhuma política, revolucionária ou não, parece possível, pensável e justa, sem reconhecer em seu princípio o respeito por esses outros que não estão mais ou por esses outros que ainda não estão aí”.

Justiça alguma (...) parece possível ou pensável sem o princípio de alguma responsabilidade (...) diante dos fantasmas daqueles que já estão mortos ou ainda não nasceram, vítimas ou não das guerras, das violências políticas ou outras, dos extermínios nacionalistas, racistas, colonialistas, sexistas ou outros, das opressões do imperialismo capitalista ou de todas as formas do totalitarismo. (...) sem essa responsabilidade e respeito pela justiça com relação a esses que *não estão presentes*, que não estão mais ou ainda não estão *presentes e vivos*, que sentido teria formular-se a pergunta “onde?”, “onde amanhã?” (DERRIDA, 1994: 11-12)

É preciso, assim, alterarmos a maneira que, em nossa cultura, entramos em relação com a morte e com os mortos, para que não afastemos do nosso horizonte de pensamento aquelas vidas que desabaram em decorrência da pandemia de covid-19. Aqui, vale lembrar, como afirma Vinciane Despret (2023: 29) “que as trocas mais originais continuam sendo tramadas entre o mundo dos mortos e o daqueles que ficaram”. Por este motivo, é preciso, então, não esquecer, mas aprender a cuidar dos nossos mortos, “pois os espectros do passado ainda estão vivos e prontos a habitar outros corpos, a abrir outras potencialidades” (SAFATLE, 2016: 126), outros espaços e outras temporalidades onde seja possível pensar mais devagar, diferentemente, ou melhor, “pensar através do meio”, de modo que possamos abordar as questões e os problemas que nos afetam sem precisar “perder de vista nem os vivos nem os mortos”, aprendendo acontra-los, segui-los, ou acompanhá-los “por meio daquilo que os mantém juntos” (DESPRET, 2021: 297).

Num tempo em que parece que estamos tentando a todo custo superar o “trauma viral” (BERARDI, 2024: 84) desencadeado pela pandemia do novo coronavírus, deixando cair no esquecimento tanto a morte como os mortos, é preciso abrir um tempo *onde* possamos aprender a “reduzir a distância e construir formas de proximidade” com a morte e com os mortos, pois “os mortos também são gente como os outros” (DESPRET, 2021: 291) e tornar a “morte desapercebida”, com tudo que ela implica para a vida (psíquica, inclusive) significa não sómente “negligenciar a percepção das mudanças”, como também, continua Pierre Fédida, “deixar que os afetos dolorosos sejam encobertos antes que apareçam” (FÉDIDA, 2009: 87).

Não se trata de lutar contra uma ausência, vale ressaltar; mas, de aprender a compor com certos outros, com certas presenças, com certos “modos de existência” (LATOUR, 2019), outras formas de habitar e outras maneiras de viver para além ou aquém das dicotomias e “alternativas infernais” produzidas pela “brujería capitalista” (STENGERS e PIGNARRE, 2017) e suas práticas adoecedoras.

Levando-se em consideração os argumentos precedentes, esperamos que este trabalho possa contribuir para que possamos desconstruir um ideal comumente propagado pelos nossos sistemas de pensamento, qual seja: pensar os problemas que nos afetam individual e coletivamente desconsiderando esses outros que já se foram e aqueles que ainda não chegaram. “Espíritos. É preciso contar com eles”, diria Derrida (1994: 13).

Criar uma abertura em nossas teorias para que possamos começar a “pesquisar junto aos mortos” (DESPRET, 2021) e, desde aí, pensar *com* eles, junto deles, ao lado deles, pode constituir parte importante de uma crítica potente à psicopolítica e suas psicotenologias neoliberais de governo, conspirando e compondo outros modos de viver, orientados menos pelo ideal do *homo oeconomicus* em sua versão neoliberal e mais por um tipo de pensamento que ao pensar diferentemente, quero dizer, através do meio, pode contribuir com a tarefa permanente de “descolonização do pensamento” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015).

Se quisermos, de fato, desnaturalizar os atuais modos de subjetivação-sujeição, é preciso, pois, fazer amizade com a morte e cuidar dos nossos mortos, “lhes dar um lugar” (DESPRET, 2023: 18). Talvez assim, a partir desta composição outra com “forças que passam pelo meio [e] que se convertem em linhas de fuga” (SZTUTMAN, 2018: 348), possamos pensar em outros possíveis. Pois, se é verdade, como escreveu Daniel Bensaïd (2010: 40 *apud* DESPRET, 2023: 118) que “os mortos chamam os vivos para que eles despertem os mortos”, também é verdade que “os mortos não só reivindicam ou pedem. Eles podem ser generosos” (DESPRET, 2023: 58) na medida em que, ao fazer-nos sonhar⁹, por exemplo, “abrem um espaço”, permitindo que outros seres vivos encontrem os seus” e, como verdadeiros geógrafos, podem nos ajudar a desenhar “outras estradas, outros caminhos, outras fronteiras, outros espaços” (DESPRET, 2023: 19), dando a ver um outro mundo possível e abrindo, simultaneamente, um outro tempo: o tempo do outro como dom (HAN, 2021a), um tempo onde podemos organizar, cultivar e intensificar de outra maneira as relações entre vivos e mortos, entre morte e vida (DESPRET, 2023).

Relembrando Eduardo Viveiros de Castro em “Metafísicas Canibais” (2015: 231): “Se há alguma coisa que cabe de direito à antropologia, não é a tarefa de explicar o mundo de outrem, mas a de multiplicar nosso mundo”, “povoando-o,

⁹ Para Vinciane Despret (2023: 67): “Fazer sonhar. É um dos modos privilegiados pelos quais os mortos cuidam dos vivos, os colocam a serviço do enigma, fazem bifurcar o curso das suas ações, os incitam a romper com os hábitos, os obrigam a outra apreensão das coisas”.

como disse Deleuze (2006: 245), de todos esses expressados que não existem fora de suas expressões". É preciso, pois, começarmos a aprender a pensar *com* certos outros a possibilidade de conspirarmos a construção de outras maneiras de viver, de modo que tenhamos condições, neste mesmo mundo, de restaurar paisagens ainda possíveis e habitáveis.

*Recebido em 31 de maio de 2024.
Aprovado em 1 de novembro de 2024.*

Referências

- BENEVIDES, P. S. Neoliberalismo, Psicopolítica e Capitalismo da Transparência. *Psicologia & Sociedade*, 29, e164064, 2017.
- BERARDI, F. *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- BERARDI, Franco "Bifo". *O terceiro inconsciente: a psicoesfera na era viral*. São Paulo: Autonomia Literária e GLAC edições, 2024.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CAPONI, Sandra; DARÉ, Patricia K. Neoliberalismo e Sofrimento Psíquico: A Psiquiatrização dos Padecimentos no Âmbito Escolar (DOSSIÊ – Racionalidade Neoliberal e Processos de Subjetivação Contemporâneos). *Mediações*, 25 (2): 302-320, 2020.
- CARVALHO, A. F. Foucault e o neoliberalismo de subjetividades precárias: incideências na escola pública brasileira. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 6 (3): 935-956, 2020.
- CORBANEZI, E. R. Resenhas: Han, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. *Tempo Social*, 30 (3): 335-342, 2018.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Rio de Janeiro: Relumé-Dumará, 1994.
- DESPRET, Vinciane. Pesquisar junto aos mortos. *Campos - Revista de Antropologia*, 22 (1): 289-307, 2021.
- DESPRET, Vinciane. *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*. São Paulo: n-1 edições; edições Sesc São Paulo, 2023.

FÉDIDA, Pierre. *Dos benefícios da depressão: elogio da psicoterapia*. São Paulo: Escuta, 2009.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020a.

FISHER, Mark. *K-punk – Volumen 2. Escritos reunidos e inéditos (Música y política)*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2020b.

FISHER, Mark. *Fantasmas da minha Vida: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

GALVÃO, Antonio. *Do realismo capitalista ao comunismo ácido: o legado de Mark Fisher*. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.

GONZO, Amauri. Apresentação. ‘Se você pudesse ver o que vi com meus olhos’. In: FISHER, Mark. *Fantasmas da minha Vida: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

HAN, Byung-Chul. *O aroma do Tempo: um ensaio filosófico sobre a arte da demora*. Lisboa: Relógio d’água, 2016.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o Neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. *Filosofia do Zen-Budismo*. Petrópolis: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. *Morte e Alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2020a.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade Paliativa: a dor nos nossos dias*. Lisboa: Relógio d’água, 2020b.

HAN, Byung-Chul. *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo*. Petrópolis: Vozes, 2021a.

HAN, Byung-Chul. *Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas*. Petrópolis: Vozes, 2021b.

LATOUR, Bruno. *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LAVAL, C. *A escola não é uma empresa. O neoliberalismo em ataque ao ensino público*. São Paulo: Boitempo, 2019.

MARQUES, Victor; GONSALVES, Rodrigo. “Contra o cancelamento do futuro: a atualidade de Mark Fisher na crise do neoliberalismo”. In: FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020: 163-207.

MATOS, Andityas Soares; COLLADO, Francis García. *O vírus como filosofia. A filosofia como vírus*. São Paulo: GLAC edições, 2020.

ROSE, N. *Inventando nossos selves: psicologia, poder e subjetividade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. (orgs.). *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

- SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- SAFATLE, Vladimir. “A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral”. In: SAFATLE, V., SILVA JÚNIOR, N., DUNKER, C. (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. pp. 17-46.
- STENGERS, Isabelle; PIGNARRE, Philippe. *La brujería capitalista*. Buenos Aires: Hekht Libros, 2017.
- SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 69: 338-360, 2018.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.